

J3SUS GONALVES



M3sico, poeta e teatr3logo

No dia 12 de julho de 1902, J3sus Gonalves nasce em Borebi, interior de S3o Paulo. Com 3 anos, fica 3rf3o de m3e e passa a maior parte da inf3ncia em Agudos - cidadezinha pr3xima a Borebi -, sob a tutela do t3o.

Ao voltar para a cidade natal com 14 anos, J3sus comea a trabalhar na Fazenda Boa Vista, como cultivador e beneficiador ora de algod3o, ora de caf3. Na mesma 3poca, inicia-se na m3sica com um velho "baixo de sopro" e forma um grupo musical - a Bandinha de Borebi. De personalidade marcante e esp3rito de liderana, torna-se conhecido no vilarejo como organizador e animador das quermesses e festas locais.

Aos 17 anos, muda-se para Bauru e freq3enta por algum tempo o Col3gio S3o Jos3. Deixa a escola sem concluir o gin3sio (hoje, ensino fundamental). Trabalha como tesoureiro da prefeitura. Aos 20 anos, casa-se com a vi3va Theodomira de Oliveira, que tem duas filhas. Com ela tem mais quatro filhos. Oito anos depois, em 1930, a mulher morre de tuberculose. J3sus cuida sozinho dos seis filhos.

Nessa 3poca, al3m do trabalho na prefeitura, J3sus participa da Jazz Band de Bauru - a banda municipal - tocando clarinete. Atua e dirige peas de sua autoria nos teatros de Bauru e cidades vizinhas. Paralelamente, grande apreciador de poesia e prosa, colabora com freq3ncia nos jornais *Correio da Noroeste* e *Correio de Bauru*.

Algum tempo ap3s a morte de Theodomira, J3sus se casa com Anita Vilela. A uni3o duraria 12 anos, at3 o falecimento da segunda mulher .

Prova3o

A vis3o do esp3rito de seu pai em uma vida pregressa a marcou muito, a ponto de Yvonne n3o reconhecer como verdadeiro o pai da 3ltima encarna3o. Aquele esp3rito a acompanhou durante toda sua inf3ncia, que foi um per3odo bastante problem3tico em virtude de suas vis3es. Outro esp3rito tamb3m muito presente foi o de Roberto Canelejas, com quem ela conversava freq3entemente.

Yvonne chorava muito e tinha verdadeiras crises nervosas provocadas pela saudade que sentia desses esp3ritos. As freq3entes recorda3es de suas vidas passadas era um problema para a fam3lia. Durante sua inf3ncia, assistia a sess3es medi3nicas feitas em sua casa. Nessas ocasi3es, habituou-se 3s comunica3es com o dr. Bezerra de Menezes.

Mediunidade

A grande prova3o na vida de J3sus o alcana aos 27 anos, quando 3 acometido pela hanseniose, doena popularmente conhecida como lepra. Naquele momento, ele ainda n3o pode compreender que se trata de um resgate de reencarna3es passadas. "A teu mando, milh3es de aoites erguiam-se, abrindo feridas, mutilando membros, promovendo aleij3es, desconjuntando corpos. Aniquilaste a alegria de viver de dezenas de cidades, levando a apreens3o e o terror 3 simples aproxima3o de tuas tropas. Para o resgate de tais viola3es, receber3s as artes por ferramentas que te permitir3o recompensar o terror de outrora, pela alegria do divertimento sadio que proporcionar3s aos povos das cidades em que habitar3s. Por3m n3o as receber3s de forma facilitada n3o, porque n3o haver3o facilidades para ti. A espiritualidade estar3 assistindo teu reeducar e colocar3 em teu caminho as oportunidades, mas competir3 a ti aproveit3-las ou n3o."

Ateu e inconformado, J3sus busca dominar o sofrimento e a dura condi3o de leproso: a rejei3o e o abandono da sociedade. Naquele 3poca, pelas normas m3dicas em vigor, os doentes eram obrigados a abandonar seus empregos e viver isolados da sociedade, trancados em suas casas ou em lepros3rios. Como bom cidad3o e respeitador das leis, J3sus se afasta da sociedade. Entrega as filhas do primeiro casamento de Theodomira 3 tutela de parentes e interrompe as atividades profissionais. Os filhos mais novos, que continuam com ele, n3o entendem a s3bita mudana. Aposentado prematuramente, J3sus passa a viver por algum tempo em moradia cedida pela C3mara Municipal. Continua a escrever para o *Correio da Noroeste*, mas sofre muito com as limita3es de sua nova e dif3cil situa3o.

Um amigo, Jo3o Martins Coub, compreende o sofrimento de J3sus e lhe cede um espao em sua fazenda. L3, com a mesma fibra de sempre, ele se dedica ao cultivo de melancia e de outras frutas, buscando superar a m3goa que a doena lhe imp3e. O arranjo dura pouco tempo. Em agosto de 1933, o Servio Sanit3rio o interna no Asilo Col3nia Aymor3s, rec3m-inaugurado em Bauru. Para surpresa dos funcion3rios da Sa3de P3blica, J3sus n3o op3e resist3ncia 3 internan3o. Apesar da atitude resignada, no entanto, 3 nessa 3poca que ele se questiona sobre Deus. "Onde est3 o Deus de que tanto se fala?" - e se revolta intimamente.

Na Col3nia Aymor3s, onde fica de 1933 a 1937, J3sus mostra-se mais resignado ao conviver com os semelhantes e irm3os na dor. Chamado de "mestre" por sua imensa disposi3o e capacidade de trabalho, em curto espao de tempo ele consegue v3rias amizades sinceras.

Apesar da revolta e das frustra3es, ele n3o se deixa vencer nem pela ociosidade nem pelo des3nimo. Participa da cria3o de um jornalzinho interno do asilo, *O Momento*. Escreve e atua em peas teatrais. Ajuda na cria3o do Jazz Band de Aymor3s, e integra a equipe de futebol. A inquietude da alma, que fora motor de 3dio e guerras em vidas pregressas, hoje o move para trabalhos edificantes, preparando o terreno para sua convers3o.

Na 3poca, J3sus sofre muito com problemas no f3gado e busca a transfer3ncia para o Hospital Padre Bento em Guarulhos, que tem fama de oferecer melhores servios m3dicos. Suas cartas, por3m, param nas m3os do diretor do Sanat3rio Aymor3s, que n3o quer perder seu interno mais ativo e din3mico. Finalmente, em setembro de 1937, ele obt3m a transfer3ncia. Durante a viagem, por3m, as dores no f3gado o obrigam a parar em Itu para receber assist3ncia m3dica. Convencido pelo diretor do hospital, com promessas de melhores cuidados m3dicos, J3sus permanece internado no Hospital de Pirapitingui.

Logo se revela o mesmo indiv3duo de destaque, um l3der natural entre os internos, cuja admirao e respeito conquista graas ao car3ter 3ntegro e 3 capacidade de realizao e de trabalho. Funda ali a Jazz Band, a R3dio Clube de Pirapitingui (existente at3 hoje) e um jornal interno, o *Nosso Jornal*.

Convers3o

A doena, entretanto, avança lenta e penosamente e os medicamentos se tornam cada vez mais ineficazes. A dor, a ang3stia e a solid3o induzem o indiv3duo 3 busca de Deus. Com J3sus Gonalves n3o seria diferente. Embora O procure sob a vestimenta do trabalho, da atividade art3stica e da criao, ele ainda O nega.

Em 1943, Anita, que era estudiosa da Doutrina Esp3rita e tentara inutilmente esclarecer a mente materialista do ateu J3sus, desencarna. No seu vel3rio, ocorrem diversos acontecimentos medi3nicos de clarivid3ncia por parte de alguns colegas seus. Finalmente, Anita passa uma mensagem para J3sus de forma bastante 3ntima e ele n3o tem mais d3vidas da veracidade das informao3es: "Velho, n3o duvides mais, Deus existe!".

Extremamente materialista ainda, mas bastante impressionado, J3sus busca nos livros esp3ritas as explicao3es para o contato. *O C3u e o Inferno*, de Allan Kardec, foi o marco inicial da grande transformao que estava por vir.

A convers3o definitiva ocorre no dia em que as dores no f3gado se apresentam bem mais fortes que de costume. Os rem3dios n3o surtem efeito e J3sus resolve chamar Deus, no qual ainda n3o acredita. Retira um copo de 3gua da talha, coloca-o na mesa da cozinha e desafia: "Se Deus existe mesmo, dou cinco minutos para que coloque nesta 3gua um rem3dio que me alivie a dor!".

Ao beber a 3gua, sente que ela est3 amarga. Ap3s dois minutos, as dores cessam. J3sus fica ao mesmo tempo agradecido e espantado. Reexamina ent3o suas convico3es materialistas e, nos dias seguintes, j3 com suficientes provas e chamamentos, p3e-se a buscar nos estudos de obras esp3ritas as respostas que sempre procurou. Por duas vezes, as dores no f3gado mudaram totalmente o rumo de sua vida.

Apostolado

A Doutrina Esp3rita sacia em J3sus a sede de explicao3es, e o faz beber a 3gua l3mpida da Verdade nas fontes da l3gica e do bom senso. Ele se dedica, a partir de ent3o, a esclarecer a noo de justia divina e submiss3o 3 dor entre os companheiros e irm3os no sofrimento. Como 3 de seu feitio, tudo faz junto aos internos para melhorar a vida comunit3ria no hospital. Nessa 3poca, rejeita que o chamem de "mestre", apelido que, por sua reconhecida superioridade intelectual e pelo temperamento de l3der, o acompanhava desde Aymor3s.

Com o empenho que o caracterizava, inicia a edificao de um centro esp3rita em Pirapitingui. Para levantar recursos, pede ajuda 3s comunidades esp3ritas e estabelece um elo de ligao sem precedentes entre os leprosos e a sociedade. Sua iniciativa desperta os companheiros de Doutrina em diversas localidades. As respostas n3o tardam a chegar, trazendo solidariedade moral e material 3 campanha. Diversas caravanas esp3ritas passam a visitar o sanat3rio, levando alegria e conforto aos internos. Essas caravanas pioneiras abrem novas frentes de trabalho, n3o s3 aos praticantes da Doutrina, mas tamb3m aos de outras religi3o3es, em iniciativas semelhantes.

Em 1945, ap3s muito estudo e superao de grandes dificuldades, funda a Sociedade Esp3rita Santo Agostinho, e conta com a amizade e a solidariedade de muitos que o ap3iam nessa 3poca. J3sus participa amplamente das atividades com seu ineg3vel esp3rito de ao e dedicao: distribuo de sopa aos mais necessitados, palestras de estudos e elucidao dos companheiros, orientao espiritual, sess3o3es de desobsess3o.

A doena, em est3gio bastante avanado, tira os movimentos de J3sus, limita sua capacidade de trabalhar e de estar fisicamente no Santo Agostinho, participando das atividades que preenchem sua alma nessa fase de sua vida. Para n3o se afastar totalmente do trabalho, ele constr3i uma casinha nos fundos do Centro.

Vinte dias antes de J3sus desencarnar, um fato marca profundamente Pirapitingui e o corao dos esp3ritas. A doena havia j3 se alastrado por todo o seu corpo, inclusive as cordas vocais. J3sus vai 3 sess3o e, para surpresa das 300 pessoas presentes, recupera temporariamente a voz; por quase duas horas, ele faz uma preleo de elevados ensinamentos evang3licos. Ao terminar, sua voz some novamente. Na semana seguinte, o fen3meno se repete pela 3ltima vez.

Seus 3ltimos dias s3o marcados por muito sofrimento. O corpo est3 completamente deformado pela doena, o rosto transfigurado e os 3rg3os comeando a entrar em fal3ncia. J3sus se desliga lentamente do corpo f3sico. Sua alma ent3o se liberta da exist3ncia 3rdua e espinhosa, mas, sobretudo, purificadora. Em 16 de fevereiro de 1947, Jesus Gonalves, o Ap3stolo de Pirapitingui, o Poeta das Chagas Redentoras, desencarna. Pelo sofrimento, ele p3de encontrar o caminho at3 Cristo. Pelo trabalho, p3de plantar sementes novas em sua hist3ria.

Depois de desencarnado, ele pediu que o chamassem J3sus, pois se achava indigno de usar o mesmo nome de Jesus.

Fonte: <http://www.iesusgoncalves.org.br>